

O PAPEL DA INSTITUIÇÃO DE ENSINO E DA TECNOLOGIA NO INCENTIVO À LEITURA

Beatriz Sodré Almazan
Bianca Oliveira Coelho
Carolina Pereira Toniolo

RESUMO

Este artigo é fruto de uma reflexão acerca do papel da leitura na construção das múltiplas possibilidades de se interpretar o mundo. As instituições de ensino são, ainda, o principal meio para estimular essa prática tão enriquecedora, que, atualmente, demanda que seu incentivo seja repensado. Com as constantes transformações da sociedade em inúmeros aspectos, as escolas deixaram de acompanhar o ritmo e os interesses dos estudantes, imersos em um contexto absolutamente digital. Dessa forma, apontamos o bom uso da tecnologia como uma forte solução pedagógico-didática, que investe na relação aluno-escola, defendendo a ideia de que a educação pode e deve contemplar a realidade social.

INTRODUÇÃO

Em uma sociedade dominada por recursos visuais, tecnologias e entretenimentos, torna-se desafiadora a tarefa de inserir crianças e jovens no mundo da leitura. Considerando a falta de estímulo por parte da família da maioria dos discentes, passa a ser da escola grande parcela da responsabilidade da formação do interesse literário do alunado e de sua sensibilização para o valor estético das obras.

O papel da instituição de ensino é o de formar leitores autônomos, capazes de desenvolver uma leitura crítica de mundo. Para o professor de Língua Portuguesa, é posto mais um desafio: a leitura obrigatória. A escola ainda prioriza a leitura como mera decodificação, compreendendo o livro como um instrumento de avaliação e tornando o discente um leitor passivo, que se atenta apenas à superfície do texto e, conseqüentemente, não associa a leitura escolar a algo prazeroso.

Há, ainda, a influência do vestibular na elaboração curricular do Ensino Médio. Esse é um fator que delimita a escolha da bibliografia, embora permita o contato com obras clássicas, importantes para a formação intelectual do estudante. Na prática, o

trabalho deveria compreender a análise dos textos não como elementos isolados, mas entrelaçados em temas e abordagens do conhecimento. Utilizando-se dos temas transversais, é possível refletir sobre novos conteúdos que atraíam a atenção das ciências e da escola, ressignificando o saber e mobilizando-o para novas configurações mais cautelosas para as habilidades e competências exigidas pelo mundo contemporâneo.

Partindo do conceito de que o texto literário é marcado por inter-relações entre códigos variados, o educando deve ser exposto a áreas que se relacionam na construção do texto. Roland Barthes, escritor e sociólogo francês, apresenta uma visão interdisciplinar da literatura

Se, por não sei que excesso de socialismo ou barbárie, todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto uma, é a disciplina literária que devia ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário. (BARTHES, In: LAJOLO, 1993, p. 15):

Segundo a orientação do Ministério da Educação (MEC), a interdisciplinaridade não pretende acabar com as disciplinas, mas utilizar os conhecimentos de várias delas para a compreensão de um problema, na busca de soluções, ou para entender um fenômeno sob vários pontos de vista. A interdisciplinaridade é, portanto, um instrumento que, na proposta de reforma curricular do Ensino Médio, aponta para interconexões e passagens na prática escolar entre os conhecimentos por meio de relações de complementaridade, convergência ou divergência.

Tomando como base a apresentação da *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*, tem-se que,

A aptidão para a leitura de textos variados, com finalidade estritamente informativa ou com objetivos profissionais, morais, estéticos ou de lazer, assim como a capacidade para conceber um texto adequado a seus fins – e portanto no gênero apropriado e pensadamente urdido nos aspectos gramaticais e lexicais – fazem parte da formação plena de qualquer cidadão pertencente a sociedades complexas, e são uma condição para o desenvolvimento contínuo do potencial intelectual e cultural de qualquer pessoa. (AZEREDO, 2014, p. 27)

É importante mencionar que há, também, uma grande discussão no meio educacional quanto à influência da tecnologia no desenvolvimento de habilidades cognitivas. Enquanto alguns estudiosos defendem que seu uso constante limita e

mecaniza o raciocínio do educando, comprometendo suas capacidades interpretativas, outros acreditam na informatização como um suporte à aquisição de diversos conhecimentos.

Em uma entrevista à revista *Nova Escola*, em 2007, Roger Chartier afirmou que:

Pesquisas realizadas em vários países mostram que o uso do computador na Educação, quando acompanhado de métodos pedagógicos, melhora, sim, o aprendizado, acelera a alfabetização e permite o domínio das regras da língua, como a ortografia e a sintaxe. É preciso desenvolver políticas públicas que tenham por objetivo a correta utilização da tecnologia na sala de aula.

Por outro lado, apesar de ser inegável a presença das mídias sociais no ambiente escolar, é evidente que ainda falta engajamento por parte de muitas escolas na aquisição de práticas pedagógicas que contemplem a tecnologia. Tratar-se-ia, pois, de uma tentativa de aproximar o conteúdo programático à realidade dos alunos, uma vez que a instituição precisa se adaptar e acompanhar as transformações sociais. Considerando esse quadro, torna-se essencial propor atividades de leitura que provoquem prazer e curiosidade no educando. A tecnologia pode e deve ser uma ferramenta didática e não uma vilã no meio escolar.

É necessário, portanto, que o docente tenha clareza quanto aos objetivos com que a tecnologia será aproveitada em sala de aula. Dessa forma, o computador não se limita a funcionar como um sinônimo de entretenimento, mas mantém o foco do uso pedagógico. Caso contrário, a introdução da tecnologia acaba atuando como mais uma ferramenta que apenas maquia o contexto educacional naquelas escolas que buscam se promover como modernas.

Privar o contato dos jovens alunos com as diversas expressões artístico-literárias é opor-se ao exercício pleno da reflexão sobre a humanidade. É um dever da instituição escolar e do professor de Língua Portuguesa preparar o aluno para a leitura de mundo por meio da leitura da palavra, capacitando-o, assim, para ser um agente transformador da sociedade.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

“A leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele”. Paulo Freire (1981) defende a ideia de que ler não

se resume a um mero procedimento de decodificação e assinala que a leitura é um meio potencial para se interpretar e interferir no mundo por via da ação da palavra.

Genericamente, a leitura é idealizada como a melhor forma de “desenvolvimento das competências discursivo-pragmáticas da linguagem” do indivíduo. Assim, tem-se um processo interativo, já que a leitura só acontece efetivamente quando o leitor passa a estabelecer relações entre suas experiências e busca resolver os problemas apresentados pelo texto, com auxílio do diálogo entre os múltiplos conhecimentos que proporcionam sua compreensão.

Em outras palavras, o ato de ler

É um exercício de indagação, de reflexão crítica, de entendimento, de captação de símbolos e sinais, de mensagens, de conteúdo, de informações.... É um exercício de intercâmbio, uma vez que possibilita relações intelectuais e potencializa outras. **Permite-nos a formação dos nossos próprios conceitos, explicações e entendimentos sobre realidades, elementos e/ou fenômenos com os quais defrontamo-nos** (grifo nosso). (ECCO, 2010)

O sucesso ou o fracasso da leitura aplicada às necessidades sociais são associados, quase sempre, ao trabalho desenvolvido nas escolas, principalmente nas aulas de Língua Portuguesa. Portanto, cria-se a expectativa de professores que atuem como multiplicadores de leitores dentro de um contexto educacional que pode restringir a autonomia desses profissionais em relação a uma transformação no ensino.

A leitura, muitas vezes, é explorada nesse ambiente como um pretexto para o ensino de gramática. Dessa forma, a concepção de leitura como interpretação de mundo fica em segundo plano, não correspondendo às determinações dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Língua Portuguesa:

A importância e o valor dos usos da linguagem são determinados historicamente segundo as demandas sociais de cada momento. Atualmente, exigem-se níveis de leitura e de escrita diferentes e muito superiores aos que satisfizeram as demandas sociais até bem pouco tempo atrás — e tudo indica que essa exigência tende a ser crescente. Para a escola, como espaço institucional de acesso ao conhecimento, a necessidade de atender a essa demanda implica uma revisão substantiva das práticas de ensino que tratam a língua como algo sem vida e os textos como conjunto de regras a serem aprendidas, bem como a constituição de práticas que possibilitem ao aluno aprender linguagem a partir da diversidade de textos que circulam socialmente (BRASIL, PCNs, Língua Portuguesa).

A conduta escolar precisa ser continuamente repensada, visto que a formação de bons leitores depende do acesso a materiais que propiciem benefícios realmente proveitosos na vida dos discentes. Acontece que essas fontes de leitura só despertam o reconhecimento e a apreciação das sutilezas, particularidades e profundidades das construções literárias quando contextualizadas e, na escola, esse procedimento ocorre apenas eventualmente; não é uma prática imanente do trabalho com textos.

É aqui, por exemplo, que a tecnologia expressa seu potencial para ser uma grande aliada do meio educacional, desempenhando um papel bastante importante no processo de contextualização. Nesse sentido, é essencial que a informatização da educação seja vista como facilitadora do aprendizado, promotora da autonomia e estimuladora do interesse dos educandos. Kenski (2003, p. 18) explica que a tecnologia é o conjunto de conhecimentos e princípios científicos que se aplicam ao planejamento, à construção e à utilização de um equipamento em um determinado tipo de atividade.

Ao tratar da utilização de recursos tecnológicos no ambiente escolar, Martins expõe, também, que:

O ensino não se faz apenas por meio dos instrumentos tecnológicos, mas, hoje, é inegável que eles sejam ferramentas de extrema relevância no processo de ensino-aprendizagem de jovens que habitam um mundo que se torna, diariamente, mais informatizado, interativo, midiático e virtual (MARTINS, 2014, p. 75)

As novas tecnologias são importantes para reforçar a contribuição dos trabalhos pedagógicos e didáticos contemporâneos, já que possibilitam uma aprendizagem rica, complexa e diversificada. Os recursos tecnológicos favorecem os métodos ativos, uma vez que estimulam a pesquisa, o debate e a produção por parte dos estudantes.

É indiscutível que a leitura contribui com a formação plena do cidadão, desenvolvendo suas capacidades intelectuais e culturais, principalmente a partir da atuação das escolas. Entretanto, há um longo período, o ensino nessas instituições deixou de acompanhar as transformações sociais e, conseqüentemente, parou de atender as expectativas dos alunos quanto à relação escola-sociedade. Assim, enquanto é inexecutável a reorganização das prioridades educacionais, a aceitação da

tecnologia como potencializador didático-pedagógico pode ser uma solução próspera para que se atinja, na medida do possível, a plenitude da leitura em um mundo extremamente digital.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A percepção do conceito de alfabetização alterou-se durante a virada do século. Hoje, não é possível realizar, efetivamente, uma análise de mundo sabendo apenas assinar o nome ou ler instruções simples. A sociedade tem se tornado cada vez mais complexa e grande parte disto pode ser associada ao avanço da tecnologia. A instituição escolar deve, portanto, preparar o aluno para situações de leitura muito mais frequentes e, principalmente, diversificadas.

A tecnologia não está apenas no contexto profissional, mas, também, no pessoal. Logo, a escola deve ensinar seu alunado a participar das variações da língua *online* e *off-line*. Isto é, a capacidade de interpretação em qualquer suporte textual (e em qualquer nível), além da habilidade de reconhecer os diferentes propósitos de um texto e ter aptidão para extrair conhecimento de qualquer fonte. Para tanto, deve existir uma orientação às crianças e aos adolescentes sobre quais conteúdos eleger, frente às infinitas possibilidades disponíveis na internet.

Considerando que muitos pais não passaram por esse processo de alfabetização digital, deve estar claro para os professores, não só de Língua Portuguesa, que eles têm um papel fundamental na instrução dos discentes quanto ao uso da internet e sua influência na leitura de diferentes gêneros textuais. Torna-se essencial, pois, apresentar as inúmeras aplicabilidades da tecnologia para além de uma ferramenta de lazer, com a finalidade de que eles a utilizem, sobretudo, a favor de seus interesses acadêmicos e desenvolvimento profissional. Assim, mostra-se que essa ciência provocou grandes transformações no mercado de trabalho e que seu domínio pode ser um diferencial nas oportunidades de emprego.

É necessário, também, desmitificar o pensamento de que, por serem jovens, todos os alunos dominam os diversos usos de um computador, já que muitos o conjecturam como um instrumento bastante limitado, usado apenas para jogos e

redes sociais. Da mesma forma, ainda existe uma concepção insuficiente dos benefícios da leitura como formação humanística e acadêmica, devido à falta de atividades de caráter lúdico que despertem o encantamento pela aprendizagem.

Esse ponto de vista é ratificado nos objetivos dos PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental: “valorizar a leitura como fonte de informação, via de acesso aos mundos criados pela literatura e possibilidade de fruição estética, sendo capazes de recorrer aos materiais escritos em função de diferentes objetivos”.

Como defende Denise Guilherme (2013), no artigo *Desafios da formação de leitores na Escola* da revista Nova Escola, a formação efetiva de leitores:

Exige oferecer livros variados e de qualidade, selecionados por educadores que planejem atividades que possibilitem, entre outras coisas: compreender o que está escrito e também o que não está identificando elementos explícitos e implícitos; estabelecer relações entre a obra lida e outras já conhecidas; descobrir os inúmeros sentidos que podem ser atribuídos a ela; justificar e validar a sua leitura com base em elementos encontrados no próprio texto e em seu contexto. Ou seja, formar leitores requer um investimento significativo na construção de uma comunidade que compartilha seus textos, troca impressões acerca de obras lidas e constrói um percurso leitor próprio, inicialmente mediado pelo professor e, posteriormente, com autonomia (GUILHERME, 2013).

A formação de um leitor competente depende da prática constante da leitura de textos que circulam socialmente, não só em materiais elaborados para fins didáticos, que, muitas vezes, inibem o senso crítico do leitor e compreendem a leitura como meros atos de ler e escrever a língua. As rodas de leitura são, aqui, uma boa alternativa para a familiarização com a literatura, uma vez que promove a interação entre colegas, estimula a leitura oral dando a devida atenção à entonação, pontuação e ênfase e exige criticidade com o texto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Fernando José de. **Folha explica: Paulo Freire**. São Paulo: Publifolha, 2009.

AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. 5ª reimpr. da 3ª ed. de 2010. São Paulo: Publifolha, 2014.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

ECCO, Idanir. **Leitura: do conceito às orientações**. Disponível em: <<http://leituraebibliodiversidade.blogspot.com.br/2010/10/leitura-do-conceito-asorientacoes.html>>. Acesso em: dez. 2010.

GUILHERME, Denise. **Desafios da formação de leitores na escola**. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/573/desafios-da-formacao-de-leitores-na-escola>>. Acesso em: mai. 2017.

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e Ensino Presencial e a Distância**. São Paulo: Papirus, 2003.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1993.

MARTINS, Valéria Bussola. **O despertar para a leitura por meio de mídias digitais**. Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2014.

ZAHAR, Cristina. **Roger Chartier: “Os livros resistirão às tecnologias digitais”**. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/938/roger-chartier-os-livros-resistiraos-as-tecnologias-digitais>> Acesso em: mar. 2017.